

VIII

Em 1903 um fato lamentável aconteceu. O dr. Bonilha de Toledo, que vinha se dedicando, exclusivamente, ao estudo das fermentações, no dia 24 de abril faleceu, contaminado pela febre amarela. Substituiu-o o dr. Adolfo Carlos Lindenberg, que iniciou seus serviços no dia 9 de maio.

O servente Adolfo Moreira de Camargo exonerou-se no dia 30 de setembro e foi substituído por Max Peter a partir de 1 de outubro. O auxiliar do dr. Bonilha de Toledo, Santo Passarelli, depois da morte daquele, retirou-se no dia 7 de maio, ocupando sua vaga o desinfetador José Benedito Marcondes Machado.

Ainda não foi lotada a vaga de escriturário.

Terminou, neste ano, o contrato do dr. Ivo Bandi, que deixou de ser assistente do Instituto em 31 de dezembro de 1903.

Sòmente agora foram executados as reformas nos encanamentos de gás, há dois anos prometidas.

Em 1904, com a saída do dr. Ivo Bandi, cujo contrato findara, foi nomeado para substituí-lo, o dr. Artur Palmeira Ripper, que iniciou seus trabalhos no dia 22 de janeiro. Neste mesmo ano foi contratado, interinamente, o dr. Afonso Splendore e mais tarde o dr. José Pereira Barreto.

O dr. Splendore (87) foi contratado para preencher a lacuna deixada pelo dr. Lindenberg, enquanto este esteve licenciado para prestar serviços em São Luís, Estado do Maranhão, de 29 de janeiro a 10 de setembro de 1904, quando reassumiu. No dia 9, portanto, retirou-se o dr. Splendore. Em 29 de novembro, novamente entrou em licença o dr. Lindenberg (88) e para substituí-lo, nesta segunda ausência, foi nomeado o dr. Pereira Barreto.

Os dois novos médicos começaram a prestar serviços, respectivamente, em 1 de março e 6 de dezembro.

Por falta de verba, foi dispensado o servente Max Peter.

(87) — Do "Diário de São Paulo", do dia 3 de maio de 1953:

"A morte do professor Afonso Splendore, que acaba de ocorrer, representa uma sensível perda para a ciência médica. Nascido em Fagnano Castello, Itália, a 25 de abril de 1871, o comendador Splendore após formar-se em medicina pela Universidade de Roma, em 1898, veio para o Brasil fixando residência nesta Capital, aqui se consorciando com a Sra. Marieta Schiffini. Grande parte da atividade científica do prof. Splendore desenvolveu-se nesta cidade sendo notáveis os estudos das doenças tropicais que realizou aqui. Nesta Capital foi fundador do laboratório de bacteriologia do Hospital Humberto I, diretor do laboratório da Beneficência Portuguesa, e sócio fundador da sociedade científica "Ars Medica". Entre outros títulos, contava o de sócio da "Société de Pathologie Exotique" de Paris e da "Sociedad Dermatologica" de Buenos Aires. Nos congressos médicos de Higiene realizados em Roma, Paris, Londres, teve o cargo de relator oficial por parte do Brasil. Foi professor universitário na Itália e durante a guerra de 1914 prestou serviços médicos como voluntário, alcançando o posto de coronel. Os mais divulgados dos seus trabalhos são o estudo da leishmaniose e da boubã".

(88) — "O presidente do Estado concede ao dr. Adolfo Carlos Lindenberg, ajudante do Instituto Bacteriológico, cinco meses de licença, para tratar de negócios de seu interesse, nos termos do art. 9.º § 3.º da lei n.º 495, de 30 de abril de 1897.

Palácio do Governo de São Paulo, 23 de novembro de 1904.

a) Jorge Tibiriçá.

J. Cardoso de Almeida".

Em 16 de maio o diretor do Serviço Sanitário solicitou por meio de carta, ao dr. Adolfo Lutz, que oficiasse as modificações que julgasse convenientes ao Instituto Bacteriológico, a fim de serem apresentadas ao Governo, pois que seria proposta a revisão do Código Sanitário. A resposta do diretor do Instituto seguiu no dia 15 de junho, na qual o dr. Lutz apresentava uma ampla reforma do pessoal do Instituto e sugeria fôsse o artigo 24 da lei n.º 432, de 3 de agosto de 1896, modificado. Aquêlê artigo seria substituído por êste de autoria do próprio Lutz :

“Art. 24 — O Instituto terá o seguinte pessoal :
 1 diretor (médico)
 3 ajudantes
 1 zelador
 1 escriturário que deve tomar conta da biblioteca
 1 desenhador ou fotógrafo
 3 serventes.”

— 1 —

NA ILHA DE SÃO SEBASTIÃO

A malária destaca-se em 1904, sendo o que se observou, principalmente, na ilha de São Sebastião. De acôrdo com o relatório :

“Nesta ilha já existiam alguns focos epidêmicos de forma benigna, sendo porém, pouco intensos. A forma maligna (estivo-outonal ou tropical) foi importada pela tripulação de uma canoa que pernitoou num foco de impaludismo situado na desembocadura do canal da Bertioiga.

Em consequência disso, deram-se vários casos fatais em diferentes pontos da ilha, espalhando-se a moléstia a ponto de formar uma epidemia geral. O caráter desta, na falta de tratamento apropriado, era muito grave, tornando-se a moléstia não raras vezes fatal.

Na ocasião da primeira epidemia, em 1904, o diretor do Instituto acompanhou o dr. diretor do Serviço Sanitário numa viagem onde se visitou Vila Bela e vários pontos da ilha de São Sebastião e, também, a cidade do mesmo nome, situada em frente à Vila Bela, do outro lado do canal.

Com o auxílio do dr. Celestino Bourroul (89) foram examinados 48 doentes dos quais um grande número já tinha sido tratado e outros sofriam de moléstias diferentes, principalmente a hipoemia tropical. Em 27 casos as preparações de sangue coloridas pelo método de Romanowsky revelaram a existência de hematozoários ; 15 vezes, formas pertencentes à infecção tropical só e 4 vezes, de mistura com a forma benigna ; 8 vezes só se observaram hematozoários de terçã benigna.”

— 2 —

O PÓ DE PIRETRO

Os estudos sôbre a febre amarela e o mosquito transmissor não pararam com as experiências feitas no Hospital de Isolamento.

No Instituto Bacteriológico foram pesquisados, também, os meios de extermínio do mosquito, tanto alado como ainda em forma de larva ou ninfa. Quanto aos primeiros, obtiveram-se ótimos resultados com o emprêgo de vapores de enxôfre queimado ou fumaça de pó de piretro. Para as larvas,

(89) — O dr. Celestino Bourroul era em 1903 6.º anista da Faculdade de Medicina da Bahia. Filho do médico Paulo Bourroul.

concluíram ser suficiente uma camada de querosene e essência de terebentina, sobre as águas.

Sobre o piretro, hoje largamente usado nos inseticidas modernos, o dr. Emílio Ribas, no dia 6 de fevereiro de 1904 mandou ao dr. Lutz um officio nestes têrmos :

“Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico.

Remetendo-vos uma lata do primeiro pó obtido da colheita das flores de piretro, enviada pelo dr. Secretário da Agricultura, recomendo-vos informeis a esta diretoria o resultado das experiências que fizerdes com o mesmo pó.

Saúde e fraternidade.

O diretor

a) E. M. Ribas.”

As experiências solicitadas pelo dr. Ribas foram feitas, dando resultado positivo. O estudo do pó de piretro foi feito usando-se mosquitos de várias espécies, não resistindo nenhum dêles ao citado pó, pois morreram todos.

Os resultados das experiências sobre o supracitado pó estão, desta forma, descritos :

“Experiência com o pó de piretro enviado pela Secretaria da Agricultura.

No dia 19 de fevereiro de 1904, às 11,45 de manhã foram colocados os tubos de vidro, (cilindros com as extremidades fechadas com tela de arame) contendo mosquitos de diversas espécies, dentro de uma grande estufa de 2m3 de capacidade, depois de bem calafetada com papel grosso. Em duas pequenas tampas de lata se colocaram 5 gr. de pó, 2,5 em cada e acendeu-se, verificando-se o seguinte resultado : 10 minutos depois, os mosquitos contidos no tubo que estava colocado verticalmente caíram todos e os do outro tubo colocado horizontalmente também caíram, ficando apenas 2 voando. 45 minutos depois havia apenas um voando neste último tubo e uma hora depois, estavam todos caídos, conquanto ainda apresentassem sinal de vida. 3 horas depois foram retirados os cilindros da estufa e conservados ao ar livre a fim de se verificar se alguns dêles ainda conseguiria voar porquanto apresentavam ainda sinais de vida. Às 11 horas do dia 21, examinando-se os 2 tubos verificou-se que todos os mosquitos estavam mortos.

2.ª EXPERIÊNCIA

2-2-04 — 11 hs. da manhã.

11 hs. — fechou-se a estufa contendo 2 tubos iguais aos da 1.ª experiência — acendendo de 1.º o pó.

11,15 — T. horiz. — mosq. tontos porém ainda querendo voar.

11,30 — T. horiz. alg. voando estonteados.

T. vert. todos caídos.

3 horas depois verificou-se que conquanto caídos, ainda estavam vivos e que expostos a um ar puro começavam alguns a voar, pelo que, se deixou novamente na estufa até o dia seguinte.

No dia seguinte, 1 de março, às 10 horas da manhã foram encontrados todos mortos.

Conclusão.

Pa. emprego rápido 3 hs. deve-se empregar 2 gs. por M. C. e pa. mais demora (24 hs.) basta 1 gr. pa. M. C.” (90).

(90) — “5 de março de 1904.

Cidadão

Comunico-vos que pelas experiências realizadas neste Instituto com a amostra de pó de piretro que enviastes acompanhando o vosso officio n.º 149 de 6 de fevereiro próximo passado, chegou-se a verificar que os mosquitos submetidos à ação da combustão deste pó, na proporção de 2 gramas para cada metro cúbico, em um espaço completamente fechado, morriam no prazo de três horas. O mesmo resultado se obteve no espaço de 24 horas empregando-se na proporção de um grama para cada metro cúbico. Foram utilizados para estas experiências, mosquitos de diferentes espécies, inclusive o *Stegomyia fasciata*.

— 3 —

O FIM DE UM REINADO

A febre amarela em São Paulo teve sua carreira encerrada em 1903. Em 1904 e mesmo nos anos seguintes, nenhuma epidemia houve.

Os louros desta campanha maravilhosa cabem a Emílio Marcondes Ribas, principalmente. Graças à sua capacidade de sanitarista de escol e à campanha profilática de extermínio aos mosquitos, pôs um paradeiro à mortandade que o *Stegomyia fasciata* provocava.

Em 1904 o relatório do Instituto Bacteriológico se limita a dizer que não há febre amarela. Foi um mal do passado, considerado epidemicamente.

“Faltou-nos êste ano, felizmente, tôda a ocasião de ocuparmo-nos com êste assunto, visto não ter havido epidemias, quer na Capital quer no interior do Estado.

Ê êste o primeiro ano, desde a existência dêste Instituto que êste fato se dá e atribuímos êste brilhante resultado às providências tomadas pela diretoria do Serviço Sanitário e baseadas nas novas noções sôbre a sua transmissão, resultantes dos estudos feitos em Cuba e entre nós.”

Ê um fato histórico, como diz muito bem d. M. Sabina de Albuquerque. São Paulo foi o primeiro lugar em todo o mundo, que adotou, com resultados surpreendentes, a nova profilaxia anti-amarela, que, por sinal, no Rio de Janeiro, não foi bem aceita. Para o esclarecimento do povo Lutz foi entrevistado pela “Gazeta de Notícias” da Capital Federal, a pedido de Osvaldo Cruz, reportagem esta que retrata a campanha paulista.

Depois do de São Paulo, veio o saneamento do Rio de Janeiro, realizado por Osvaldo Cruz. Outros lugares se seguiram “em seqüência luminosa”, repetindo as palavras do prof. Francisco Borges Vieira.

São Paulo estava, pois, livre da febre amarela. Ê verdade que ela continuou surgindo de tempos em tempos, muitas vêzes em caráter grave, mas não era como antes de 1903, hóspede permanente que, durante todos os anos, e em vários lugares, concomitantemente, ceifava número por vêzes enorme de vidas preciosas.

— 4 —

EM PARIS

Quando em 1905 o dr. Adolfo Lutz foi à Europa, no dia 6 de setembro, o dr. Carlos Luís Meyer foi designado para substituí-lo durante seu impedimento, segundo comunicação por escrito, de Emílio Ribas, em 13 do mesmo mês.

O dr. Lutz foi designado para representar o Estado de São Paulo no Congresso de Tuberculose a ser realizado em Paris, em 1 de setembro, de onde regressou em princípios de 1906, reassumindo a direção do Instituto Bacteriológico no dia 13 de fevereiro.

Tanto por estas experiências, como pela comparação feita de outras anteriores de diversas amostras chegamos à conclusão que êste pó nacional é muito ativo e corresponde a tudo o que se pode exigir.

Junto vos remeto o officio n.º 52, de 4 de fevereiro, da Secretaria da Agricultura.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz

Ao dr. Emílio M. Ribas

No dia 30 de outubro exonerou-se o dr. Palmeira Ripper, sendo nomeado para preencher sua vaga, o dr. Teodoro da Silva Baima, que começou a trabalhar em 1 de novembro.

Sobre a viagem de Adolfo Lutz a Paris, o dr. Emílio Ribas recebeu elucidativo e amplo relatório, discorrendo longamente sobre o desenrolar das sessões.

O dr. Lutz chegou à Capital da França dois dias antes de se iniciarem os debates, para os quais haviam sido inscritos 3.500 pessoas de todo o mundo. O primeiro dia, sessão inaugural, caracterizou-se apenas pela abertura dos trabalhos, com discursos, etc. . A sessão foi aberta pelo presidente da República, que proferiu um discurso seguido de outros, que se "perderam pelo vasto edifício".

No dia seguinte, terça-feira, tiveram comêço os trabalhos científicos. Foram êstes : 1.º — Patologia médica, com o presidente prof. Bouchard, 2.º — Patologia cirúrgica, com o presidente prof. Lannelongue ; 3.º — Preservação e assistência das crianças, com o presidente prof. Grancher ; 4.º — Higiene social, preservação e assistência dos adultos, com o presidente prof. Landouzy.

— 5 —

OS ANOS DE 1906, 1907 e 1908

Em 1906, como já dissemos, o dr. Lutz reassumiu a direção do Instituto, no dia 13 de fevereiro, depois de perto de seis meses de ausência.

Pedi em 25 de julho, o dr. José Pereira Barreto, sua exoneração, que foi concedida e nomeado para seu lugar, que por sua vez estava substituindo o dr. Adolfo Carlos Lindenberg — em gôzo de licença — o dr. Américo Brasileiro de Almeida Melo e Filho, que tomou posse em 1 de agosto de 1906.

Continuaram o zelador Savério Felice, o servente Fraugott Peter, o desenhista Gabriel e os desinfetadores Getulino Vieira Pinto e Benedito Marcondes Machado. Ainda não foi nomeado novo escritorário, continuando as sua funções a serem exercidas pelo dr. Carlos Meyer, que durante o ano expediu 138 officios à Diretoria Geral do Serviço Sanitário.

Quanto às pequenas reformas, solicitadas em 1905 e de certa urgência, deixaram de ser executadas por falta de verba. Apenas uma caixa d'água foi instalada, em janeiro, devido a constante falta daquele precioso líquido, falta esta que vinha prejudicando os serviços. Para esta caixa com capacidade de 500 litros, aprovada pelo secretário do Interior, o dr. Emílio Ribas permitiu um gasto de 150\$000. Êste dinheiro tinha que pagar, e pagou, além da caixa (de ferro com tampo de arame), seus respectivos encanamentos e torneiras, e até a mão de obra.

Com respeito a moléstias, em 1906, merece destaque sòmente, o aparecimento de alguns casos de meningite cerebrospinal, aparecidos em imigrantes chegados no início do ano, pelo vapor "Provence".

Depois de exames, o diagnóstico foi firmado e daquela doença alguns sucumbiram. Eram êstes os primeiros casos de meningite cerebrospinal epidêmica autopsiados em São Paulo.

No ano de 1907, no dia 8 de janeiro, o dr. Adolfo C. Lindenberg reassumiu seu posto. Em 4 de agosto o dr. Lutz foi ao Estado do Pará, em comissão

do Governo estadual, estudar a peste de cadeiras (quebra-bundas), substituindo-o o dr. Carlos Meyer até 30 de dezembro, quando Lutz regressou de sua viagem ao Norte. Seguiu junto com o dr. Lutz, o desinfetador Getulino Vieira Pinto.

Em 30 de agosto foi dispensado o desenhista Gabriel Zucchi (91).

Em 1908 o quadro de funcionários permaneceu o mesmo, com exceção de Fraugott Peter, que faleceu em 16 de março, sendo substituído por Celestino Marinelli, no dia 19. No fim do ano, em 1 de novembro, o diretor entrou em gozo de licença de 6 meses, para tratar de interesses particulares, sendo substituído, interinamente, pelo ajudante Carlos Meyer (92) e para seu lugar, também em caráter interino, foi nomeado novo assistente, o dr. Eduardo Rodrigues Alves, que assumiu o lugar no dia 9 de novembro.

(91) — "Exmo. sr. dr. presidente do Estado de São Paulo :

Gabriel Zucchi, ex-desenhista do Instituto Bacteriológico desta Capital prestou seus serviços durante 5 anos ininterruptamente, sem nunca merecer censura ou repreensão de espécie alguma por seus superiores. Mas de repente foi despedido do emprego, de um instante para outro, sem explicação aceitável — ex-abrupto... Assim uma família de sete pessoas ficou na rua, sem teto, nem pão!... Ainda uma moedinha, filha do suplicante, espera na longínqua Itália, que o pai vá buscá-la para reuni-la ao lar doméstico.

Mas não é mais possível ao pai extremoso ir em socorro da filha e subtraí-la aos perigos que fatalmente hão de insidiar a honra de uma donzela, que nos primeiros anos confiada aos desvelos dos avós, pela morte destes, ficou só e abandonada.

O suplicante, pelos serviços assíduos e conscienciosos prestados ao Estado de São Paulo — com os desenhos que foram muito apreciados nos vários centros científicos europeus e americanos — como disse o ilmo. sr. dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, invoca a V. Ex. uma gratificação ou ao menos um subsídio que o habilite a trazer algum alívio às suas misérrimas condições atuais, confiando muito na generosidade magnânima e na justiça do benemérito cidadão que preside aos destinos de São Paulo.

São Paulo — 3 de outubro de 1907.

a) Gabriel Zucchi

Rua Antonio Carlos 5".

Este papel foi despachado com as seguintes palavras :

"À Diretoria Sanitária para informar. Secretaria do Interior. São Paulo, 8 de outubro de 1907. a) A. Godói" Esta petição de Gabriel Zucchi foi remetida pelo dr. Emilio Ribas ao diretor do Instituto Bacteriológico, em 10 de outubro, e o dr. Carlos Meyer respondeu pelo ofício 615 de 14 do mesmo mês, abaixo transcrito :

"14 de outubro de 1907.

Cidadão

Respondendo ao vosso ofício n.º 391 de 10 do corrente, que ora devolvo, tenho a informar-vos o seguinte :

O cidadão Gabriel Zucchi, contratado para desenhista deste Instituto, de acordo com o vosso ofício 1303 de 21 de agosto de 1902, exerceu esse cargo até 30 de agosto do corrente ano.

Quanto à censura, repreensão ou elogios que disse merecer, ao dr. Adolfo Lutz, diretor deste Instituto, compete dizer, por terem sido os trabalhos feitos sob sua imediata orientação.

Quanto à sua dispensa, esta diretoria, repelindo os termos em que foi feita esta reclamação, informa que procedeu de acordo com o próprio ofício autorizando a sua nomeação, cuja cópia vos envio e pelo qual devia ele ser dispensado "logo que terminassem os trabalhos necessários a esta seção". Acresce mais que tendo sido suspensa a verba destinada ao pagamento do desenhista, foi resolvido, de acordo com o sr. Gabriel Zucchi, que ele continuasse ainda por algum tempo a fim de concluir alguns trabalhos iniciados, percebendo apenas os vencimentos de cento e cinquenta mil réis (150\$000) mensais, que seriam pagos pela verba de expediente enquanto ela comportasse esse desfalque.

À vista das razões acima expostas e não havendo na ocasião mais necessidade de seus serviços, foi ele dispensado de conformidade com o ofício acima citado e com vossa ciência.

Quanto à gratificação ou subsídio solicitado pelo sr. Gabriel Zucchi, nada pode dizer esta diretoria, por não ser isso de sua alçada.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Carlos L. Meyer".

Ao dr. Emilio M. Ribas

(92) — São Paulo, 3 de novembro de 1908.

Cidadão dr. Carlos Meyer.

Tendo entrado a primeiro do corrente em gozo de licença o dr. Adolfo Lutz, diretor dessa seção, de acordo com o art. 25 da lei de 432 de 3 de agosto de 1896, vos designo para substituí-lo.

Saúde e fraternidade.

O diretor interino

a) Dr. José Bento de Paula Sousa.

Neste mesmo ano de 1908, no dia 9 de junho, retirou-se o servente Marinelli, entrando para seu lugar Francisco Antônio Faraco, no dia seguinte.

Continua vago o lugar de escriturário. Sobre isto diz Lutz :

“Apesar de haver verba votada no orçamento para um amanuense neste Instituto, esta vaga ainda não foi preenchida e como nos anos anteriores não podemos deixar de chamar vossa atenção sobre a necessidade indeclinável de um funcionário encarregado unicamente deste serviço.

Para o desempenho deste cargo basta o conhecimento de línguas e uma boa caligrafia, sendo preferível a prática de escrever com máquina, como está sendo adotado entre nós.

Está no interesse dos trabalhos entreter relações por meio de correspondência com outros Institutos e também permutar o mais possível as publicações.

O que fica exposto e ainda mais o serviço de rotular coleções e tratar da biblioteca, justifica a necessidade deste funcionário.”

Esta notificação foi dirigida ao diretor do Serviço Sanitário.

— 6 —

A EXPOSIÇÃO NACIONAL

Em comemoração ao centenário da abertura dos portos ao comércio exterior foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a Exposição Nacional que ficou aberta ao público de 12 a 28 de setembro de 1908 (93), (94).

(93) — São Paulo, 4 de agosto de 1908.

Cidadão dr. diretor do Instituto Bacteriológico.

Pretendendo o Governo publicar um “Guia do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição Nacional”, recomenda-vos a entrega dos necessários dados e fotografias com que concorreris àquele certame ao sr. Henrique Prault, funcionário da Secretaria da Agricultura, encarregado de tal publicação, por intermédio desta diretoria.

Saudações

O diretor interino

a) Dr. José B. de Paula Sousa.

“11 de setembro de 1908.

Cidadão

Comunico-vos que os objetos deste Instituto que têm de figurar na Exposição Nacional, acham-se encaixotados em 7 volumes e prontos a serem despachados. Devem acompanhar os referidos objetos o dr. Carlos Meyer, ajudante e o desinfetador Getúlio Vieira Pinto.

Saúde e fraternidade.

a) Dr. Adolfo Lutz.

Ao dr. José Bento de Paula Sousa.

(94) — Era esta a comissão organizadora aclamada em 28 de novembro de 1907, para organizar a Exposição Preparatória do Estado de São Paulo à Exposição Nacional, em comemoração do centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, em 11 de agosto de 1908, na Capital Federal: dr. Carlos J. Botelho (Secretário da Agricultura), presidente honorário; dr. Manuel Pessoa de Siqueira Campos, presidente efetivo; dr. Augusto da Silva Teles, diretor da Seção de Indústria; cel. José Paulino Nogueira, diretor da Seção de Comércio; dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Seção de Agricultura; dr. Raul Rezende de Carvalho, tesoureiro; dr. João Pedro Veiga Filho, secretário geral; dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, arquiteto. E era esta a Comissão executiva: dr. Antônio de Barros Barreto, presidente; dr. Augusto Ferreira Ramos; dr. Sérgio Meira. Eram ainda presidentes das comissões seccionais, os seguintes: dr. Gustavo de Godói, Educação; dr. Maximiliano Emilio Hehl, Belas Artes; dr. Freitas Vale, Artes Liberais; Eugênio Lefèvre, Manufaturas; dr. J. Brant de Carvalho, Máquinas; dr. Edgard de Sousa, Electricidade; dr. José Luis Coelho, Transportes; dr. Antônio Candido Rodrigues, Agricultura; dr. João de Sampaio Viana, Horticultura; dr. Afrodísio Coelho, Silvicultura; dr. Guilherme Florence, Minas e Metalurgia; dr. João Pedro Cardoso, Cartografia; dr. Ed. Krug, Pesca e Caça; dr. Emilio Ribas, Higiene; dr. Ataliba Vale, Engenharia Sanitária; dr. H. von Ihering, Antropologia; dr. João Zeferino Ferreira Velloso, Comércio; dr. José Luis de Almeida Nogueira, Economia Social; cel. Paul Balagny, Cultura Física; sra. Elizabeth Malfatti, Trabalhos de senhoras; dr. Joaquim Miguel Martins de Siqueira, Café; dr. Renato Hottinger, Alimentação e Higiene dos animais domésticos. O Serviço Sanitário foi representado na Exposição Nacional, pelo Desinfetador Central, Instituto Bacteriológico, e Instituto Seruniterápico de Butantã. O Catálogo na referida exposição, do Instituto Bacteriológico apenas diz: “Instituto Bacteriológico — Peças antômicas de moléstias de animais domésticos e outras. Entozoários e outros parasitas. Insetos transmissores de moléstias. Publicações.”

Para a Capital da República seguiram o dr. Carlos Meyer, na ocasião diretor do Instituto Bacteriológico, os demais ajudantes e o desinfetador Getulino Vieira Pinto.

No pavilhão de São Paulo foi instalada a mostra do Serviço Sanitário, sendo que, em uma de suas seções, era apresentado, pelo Instituto, bela coleção de objetos, por sinal muito apreciada. Foi exposta uma coleção de peças anatômicas de animais, principalmente de gado e outros animais domésticos. Foram também mostrados coelhos infeccionados por material de suspeitos de tuberculose e ratos contaminados pela peste.

Foi ainda apresentada uma coleção de peças parasitadas pelos esporozóários e helmintos. Os dípteros, sugadores de sangue, também não foram esquecidos, assim como culturas de bactérias cromogênicas do ar e da água.

Esta bela exposição mereceu, do júri encarregado do julgamento dos pavilhões, uma sugestiva medalha de ouro.

— 7 —

O ÚLTIMO RELATÓRIO DE LUTZ

Estão aqui os primeiros 16 anos de vida do Instituto Bacteriológico. Dezesesseis anos sob a orientação sábia de Adolfo Lutz. Dezesesseis anos que representaram para São Paulo uma situação sanitária mais estável, o conforto, o sossego e a felicidade do povo paulista. Dezesesseis anos que simbolizam o extermínio e o controle de muitas moléstias e, por conseguinte, a baixa considerável da mortalidade humana e mesmo animal.

Foram 16 anos de atividades que deram a São Paulo vida nova.

Depois deste espaço de tempo, o Instituto Bacteriológico perdeu seu diretor, que podemos dizer, foi o precursor da bacteriologia na capital paulista.

Seguiu Lutz para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar, lado a lado e a convite de Osvaldo Cruz, então diretor do Instituto de Manguinhos.

Em 1 de novembro de 1908, tendo sido licenciado, seguiu para a Capital Federal onde ficou até o fim de sua vida, dando ao Instituto que o chamara, novas feições. "Osvaldo (95) tinha por ele uma profunda admiração que era compartilhada por quantos estavam em condições de apreender o seu valor pessoal e apreciar os seus eruditos e originais ensinamentos. Lutz era o protótipo desses cientistas hoje cada vez mais raros que aliam uma profunda cultura a uma soma formidável de conhecimentos especializados e, além do mais, possuía uma capacidade de trabalho inesgotável". Relembra Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão.

Lutz em 1908, antes de se retirar para o Rio, deixou um relatório sobre suas atividades, ou melhor, das atividades do Instituto Bacteriológico que dirigia, desde sua fundação até 1908, isto é, a sua gestão. Se bem que um resumo sucinto, fugindo a pormenores, mostra as diversas atividades suas e de seus companheiros de labuta.

Muitas partes desse relatório será interessante mostrarmos, porque são pontos de menor projeção, dentro de cada ano, que deixamos de citar no correr deste trabalho. Eis :

(95) — O dr. Osvaldo Gonçalves Cruz comunicou sua investidura na diretoria do Instituto de seu nome (Manguinhos), no dia 30 de abril de 1908, para cujo lugar fôra nomeado por decreto de 19 de março do mesmo ano. O dr. Cruz entrou em exercício do cargo de diretor no dia 20 de março.

“Os estudos relativos à higiene de São Paulo, feitos pelo pessoal do Instituto Bacteriológico são numerosos e de grande responsabilidade.

Além dos trabalhos mais importantes, dos quais damos adiante uma nota resumida, bastar-nos-ia citar o papel saliente que êle representou em relação às epidemias de febre tifóide, colera asiática, peste bubônica e febre amarela, que constam dos relatórios apresentados anualmente à diretoria do Serviço Sanitário.

Como sói acontecer quando surge qualquer epidemia, nunca faltou quem procurasse impugnar pela imprensa diária os diagnósticos feitos; resta-nos entretanto, a satisfação de consignar que até hoje todos os diagnósticos feitos pelo Instituto Bacteriológico foram confirmados não só pelas observações posteriores, mas também pelas autoridades estrangeiras mais conhecidas, ao critério das quais os materiais foram submetidos.”

ESPOROZOÁRIOS

“Foram estudados em primeiro lugar os coccídios que dizimavam os coelhos das criações de São Paulo. Encontraram-se duas espécies (cuja diferença constante se verificou) sendo a do intestino o *Coccidium perforans* e a das vias biliares, o *Coccidium ovi-forme*.

Fizeram-se culturas dos “sporocysts” que mostraram diferenças constantes e pelas quais a infecção pode ser reproduzida.

Observaram-se outras espécies, em parte novas, em porcos, cobaias, gatos, cães e corujas, sendo as três últimas espécies do tipo *Coccidium bigeminum*. Outra espécie do tipo “diplospora” observou-se em passarinhos de gaiola. Foram observadas sarcosporídios na musculatura do porco, do gambá, da lebre indígena e da saracura, sendo as três últimas espécies novas.

“Hoemosporídeos” foram observados nas rãs, em várias espécies de lagartos, tartarugas, jacarés e cobras, sendo a maior parte novas.

Gregarinas foram encontradas em muitas espécies de insetos, entre outros, também nas larvas de estegomia, sendo a forma provavelmente idêntica à observada no Rio de Janeiro, pela comissão francesa.

Foram também estudados vários “myxosporídeos e com a forma interessante anteriormente descrita por Lutz com o nome de “*Cysdiscus immersus*”, uma nova espécie de “*Myxobolus de Platichthys brasiliensis*” colhido por Arechavaleta em Montevidéu e outras espécies indígenas. Em colaboração com o dr. Splendore, que trabalhou neste Instituto, participando principalmente dos estudos sobre parasitos animais, foi descrito um grande número de novos microsporídios de peixes, insetos, etc., sendo também encontradas três espécies de vermes e protozoários parasíticos.

Quanto aos esporozoários aliados aos plasmódios ou “hoemamebas” da malária, estudou-se sistematicamente a nossa fauna de aves, encontrando-se muitas espécies em grandes partes novas, em garças, cegonhas, seriemas, saracuras, patos, urus, pombos, tico-ticos, gaviões e corujas. Com êstes estudos alcançou-se a prática necessária para poder obter sempre preparações claras, demonstrativas em casos de malária humana e para êste fim, fez-se um estudo cuidadoso do método de tincão de Romanovsky e de outros processos aliados.

Na mesma ocasião, estudaram-se as larvas de filária, encontrando-se cerca de vinte espécies em muitos animais indígenas.

Quanto aos tripanossomas, foram encontrados no sangue de ratos, corujas, tico-ticos e rãs.”

ANIMAIS SUGADORES DE SANGUE

“Nestes últimos anos o diretor do Instituto dedicou-se especialmente ao estudo de todas as espécies de insetos e outros animais que, habitualmente, se alimentam de sangue, muitas vezes do próprio homem e por isto tornam-se capazes de transmitir moléstias causadas por parasitos do sangue e geralmente propagadas só por êste modo. Reuniu a literatura muito espalhada do assunto e com auxilio do pessoal do Instituto e outras pessoas, organizou uma grande coleção que, além de muitas espécies estrangeiras, contém mais de duzentas nacionais das quais a metade não era conhecida quando principiou seus estudos.

Descreveu 36 espécies novas de mosquitos e forneceu muitas outras ao British Museum, que se acham descritas na monografia clássica de Theobald.

Estudou também grande número de larvas e os seus hábitos biológicos. Entreteve grande correspondência em relação a este assunto e na ocasião de sua viagem à Europa, visitou muitos museus.

Estes estudos versaram principalmente sobre os dipteros ("culicidae", "simuliidae", "tabanidae", "stomoxidae", etc.). as pulgas, os carrapatos e os percevejos.

Foram também estudadas as oestrídas, moscas cujas larvas vivem como parasitos no homem e nos animais domésticos.

Há hoje poucas regiões tão bem estudadas em relação aos insetos parasitos e sugadores de sangue, como o nosso Estado

EXAMES

"Para fazer-se uma idéa do número de exames procedidos neste Instituto, damos em seguida alguns algarismos que se referem principalmente aos anos de 1900 e em diante, período no qual a escrituração foi feita de um modo mais detalhado.

Foram examinados pelo pessoal do Instituto 7.260 ratos, sendo 3.952 na Capital, 1.904 em Guaratinguetá, 1.000 em Santos, 365 em Pindamonhangaba, 5 em Sorocaba, 4 em Taubaté e 30 em São José dos Campos.

Estes exames foram feitos com o fim de se excluir ou verificar a existência de peste bubônica.

Foram feitos 1.300 exames de escarro e 3 de saliva, alguns em relação à peste, mas a maior parte com o fim de verificar o excluir a existência do bacilo de Koch.

Fizeram-se 886 exames microscópicos de sangue com o fim de verificar a presença de parasitos, principalmente dos hamatozoários do impaludismo e mais 227 exames soroscópicos visando a aglutinação dos bacilos tíficos e paratíficos.

Houve mais 408 exames de fezes, tratando-se em parte da pesquisa do bacilo vírgula de Koch, outras vêzes da de amebas e ovos e larvas de entozoários.

Foram feitos mais :

340 exames de urina, tanto microscópicos e bacteriológicos como químicos ;

123 exames de falsas membranas e outros materiais, em pesquisas do bacilo de Loeffler ;

108 exames de suco ganglionar em casos suspeitos de peste e muitos outros de pus, vômitos, secreções de úlceras, pêlos, manchas em roupas (a pedido do chefe de polícia), líquidos de lavagem de estômago, de hidrocele e espermatocoele, etc. . .

Recebemos em número de 42, cães vivos ou mortos ou os centros nervosos destes, a fim de verificar-se se se tratava de hidrofobia ; em todos estes casos foi feita a inoculação do bulbo (ou outras partes dos centros nervosos) em coelhos e cobaias.

Verificou-se a existência da peste em 3 gatos, sendo 1 em Pindamonhangaba e 2 em Guaratinguetá e a de hidrofobia em outros 3 gatos desta Capital.

Foram feitos 82 exames bacteriológicos de água, sendo a maior parte a pedido de autoridades e por intermédio do diretor do Serviço Sanitário, para determinar sua qualidade em relação ao uso como água potável, verificando-se o número e a natureza dos germes."

AUTÓPSIAS

"Até 31 de julho de 1908 o número de autópsias feitas pelo pessoal do Instituto, atinge a 443.

Eis a lista dos diagnósticos resultantes das autópsias e estudos consecutivos :

Febre amarela, 121 ; cólera mórbus, 62 ; febre tifóide, 92 ; peste bubônica, 28 ; pneumonia pestosa primitiva, 6 ; meningite pestosa primitiva, 1 ; caquexia consecutiva à peste bubônica, 1 ; difteria, 13 ; varíola, 1 ; sarampão, 3 ; impaludismo agudo, 2 ; caquexia palustre, 1 ; pneumonia crupal, 13 ; tifo exantemático, 5 ; meningite cerebrospecial, 4 ; meningite pneumocócica, 1 ; tuberculose pulmonar, 7 ; meningite tuberculosa, 1 ; tuberculose generalizada, 4 ; tuberculose mesentérica, 1 ; peritonite

por perfuração intestinal de úlcera tuberculosa, 2; peritonite simples, 1; enterite amébi-
ca, 3; morféia, 3; infecção purulenta, 2; broncopneumonia, 13; hemorragia pulmonar,
2; espondilite tuberculosa, 1; atrofia do fígado, 2; abscesso retrofaringeo, 1; equi-
nococo supurado do fígado, 1 e hidrofobia, 1.

Deixamos de especificar os outros diagnósticos que constam do quadro junto, visto
não tratar-se de moléstias infecciosas ou de especial interesse."

COMISSÕES

"O pessoal do Instituto desempenhou grande número de comissões das quais algu-
mas determinaram ausências prolongadas da Capital. Seu fim era, ora verificar a natu-
reza de moléstias epidêmicas ou suspeitas que grassavam em várias localidades do inte-
rior do Estado, ora prestar auxílio às comissões sanitárias no tocante a exames microscó-
picos e bacteriológicos e vacinações preventivas, ora dirigir hospitais de isolamento e
dítas comissões sanitárias.

Damos a seguir das 155 comissões que se acham registradas nos relatórios anuais :

Dr. A. Lutz	desempenhou	43 comissões
„ C. Burgos	„	1 „
„ J. Roxo	„	1 „
„ A. Mendonça	„	13 „
„ B. Toledo	„	11 „
„ V. Brazil	„	11 „
„ C. Meyer	„	57 „
„ I. Bandi	„	4 „
„ A. Lindenberg	„	3 „
„ P. Ripper	„	4 „
„ T. Baima	„	7 „
		155

MORFÉIA

"A verificação microscópica do bacilo de Hansen, geralmente aceito como causador
da moléstia, é de grande importância para corroborar os resultados do exame clínico, por
serem os sintomas desta moléstia freqüentemente pouco pronunciados e um tanto equí-
vocos.

Encontrou-se êle facilmente no suco dos tubérculos e nas ulcerações da mucosa na-
sal, como também nos gânglios linfáticos correspondendo à região afetada.

Pela sua forma e modo de reagir à coloração, só pode ser confundível com o bacilo
de Koch, mas esta confusão torna-se quase impossível em vista de sintomatologia dife-
rente das duas moléstias, como também pelo agrupamento característico dos bacilos de
Hansen.

Foram obtidos organismos semelhantes aos descritos por Bordoni Uffreduzzi e
outros, mas não sendo ácidos resistentes, como as culturas do bacilo de Koch, parece que
não podem ser considerados idênticos ao bacilo de Hansen.

Fêz-se também estudos sôbre a questão da veiculação dos germes pelos mosquitos :
verificou-se que nos casos examinados êles não passavam ao estômago dos mosquitos,
mesmo quando a picada se dava nos próprios tubérculos.

O contrário deve se dar nos períodos febris, quando os bacilos circulam no sangue,
mas faltou ocasião para verificar êste fato.

Foram feitos exames em mais de vinte doentes suspeitos, sendo alguns dêles solda-
dos da Fôrça Pública ; na maior parte dos casos obteve-se um resultado positivo pelo
exame microscópico direto.

Foram feitas, também, três autópsias em casos de morféia, tratando-se uma vez de
forma anestésica."

MOLÉSTIAS VENÉREAS

"O gonococo de Neisser foi encontrado em grande número de corrimentos uretrais, em vários casos de conjuntivites e de vulvovaginites de crianças e num caso de abscesso para-uretral.

O bacilo de Ducrey-Unna uma vez foi observado num caso de úlcera serpiginosa que já tinha durado muitos meses e em vários casos de úlcera mole simples.

O espiroqueta de Schaudinn ou treponema pálido foi observada como único microrganismo presente numa esclerose extragenital e nas vísceras de um feto morto e macerado e em material de sífilis congênita proveniente da Europa.

Empregou-se também com bom resultado a impregnação pelo nitrato de prata segundo as indicações dadas por Levaditi.

As observações feitas aqui, sobre estas três moléstias e os organismos causadores, estão em completo acôrdo com as observações feitas nos países europeus."

CONJUNTIVITE

"A conjuntivite epidêmica benigna, conhecida pelo nome de "dor d'olhos", é devida ao bacilo de Koch-Weeks, como foi verificado muitas vêzes.

Tivemos também, ocasião de observar uma vez o bacilo de Koch num caso de tuberculose e várias vezes gonococos em inflamações purulentas da conjuntiva."

TUBERCULOSE

"Foram encontrados bacilos de Koch uma vez na secreção conjuntival, uma vez na urina e uma vez nas fezes, em casos de tuberculose conjuntival, vesical e intestinal.

Outros casos, sendo um de cistite e um de linfadenite caseosa, mostraram-se de natureza tuberculosa pela inoculação em cobaias.

Já mencionamos o enorme número de escarros examinados, provando a grande freqüência da tuberculose pulmonar, como também as outras formas de tuberculose humana observadas nas autópsias e os casos de tuberculose bovina verificados por preparações microscópicas diretas ou pela inoculação em cobaias.

Estas moléstias não oferecem particularidades que não sejam observadas em outros lugares, mas entre nós, nota-se raridade do lúpus e de outras formas de tuberculose localizada do gênero humano.

No nosso modo de ver, estas resultam de infecção com tuberculose bovina, mas esta questão não tem sido ainda bastante estudada."

PNEUMONIA

"As pneumonias francas e primitivas são raras entre nós, mas, o número delas aumentou um pouco, depois do aparecimento epidêmico da influenza.

Todos os casos examinados eram devidos ao pneumococo de Frankel.

O mesmo germe encontrou-se nas pneumonias que complicavam a moléstia principal em casos de febre tifóide, cólera, febre amarela, etc., podendo haver associação com o germe da moléstia primitiva (bacilo de Eberth, meningococo) ou com bacilos e cocos aspirados.

Na pneumonia pestosa o bacilo da peste foi geralmente encontrado em culturas quase ou completamente puras.

Nunca observamos pneumonias causadas pelo bacilo de Friedländer."

INFLUENZA

"Foram feitos numerosos exames de escarros de casos de influenza, sendo que muitos destes apresentavam ao microscópio grande número de pequenas bactérias com os caracteres atribuídos por Pfeiffer ao organismo que êle julgou causador desta moléstia.

No período febril de casos bem caracterizados, conseguiu-se isolar do sangue, por três vezes, pequenos bacilos que só se desenvolveram no caldo, quando este estava misturado com sangue. Julgamos que se tratava do organismo descrito por Pfeiffer, mas não o consideramos como causador da moléstia, visto que a sua presença não pode ser verificada — mesmo nos esscarros — em muitos casos bem caracterizados, sendo que o seu papel etiológico não está demonstrado por experiências concludentes. Acresce que organismos muito semelhantes são encontrados em outras moléstias das vias respiratórias.

Inclinamo-nos a pensar que o verdadeiro causador ainda não está conhecido, devendo talvez ser procurado entre os micróbios ultravistíveis.”

ENTERITE E HEPATITE POR AMEBA

“As amebas da enterite ulcerosa foram observadas em São Paulo pelo dr. Adolfo Lutz em 1888 e 1889, quando este organismo era ainda pouco conhecido, tendo sido observado apenas no Egito e talvez na Rússia.

No princípio do funcionamento do Instituto os casos eram ainda raros, mas, pouco a pouco aumentaram muito em número, sendo hoje observação freqüente.

As amebas acham-se constantemente quando os sintomas da enterite estão pronunciados e a pesquisa se faz nas mucosidades sanguinolentas das fezes.

A moléstia quase sempre é crônica; pode-se observar formas aparentemente agudas, mas são raras e provavelmente dependentes de uma complicação.

Os abscessos hepáticos, cuja freqüência entre nós aumenta sempre, são pela maior parte devidos a esse organismo. Este é encontrado de um modo quase constante nos tecidos que formam a parede do abscesso. De resto, o pus pode ser estéril ou conter bactérias, mas estas geralmente não são piogênicas. O mesmo fato observamos no pus do abscesso do fígado de um cão, produzido por injeção de óleo de terebentina.

A forma da ameba observada entre nós é diferente de outra não patogênica, muitas vezes observada na Europa, no intestino de pessoas de boa saúde ou sofrendo de outras moléstias.

Todos estes fatos foram verificados em numerosos exames de doentes e várias autópsias de enterite e hepatite amébrica e são hoje geralmente reconhecidos, mas até há pouco foram negados por muitos autores.

Isto era devido à confusão que se fez das duas amebas e por não observarem-se as regras estabelecidas para a procura das amebas no pús e nas dejeções.”

IMPALUDISMO

“Nos primeiros anos não houve ocasião de obter resultados positivos nos exames dos doentes da Capital e dos arrabaldes onde a moléstia, ao contrário do que era geralmente suposto, só se encontra de um modo completamente excepcional.

Com a construção das estradas de ferro de Guarujá e de São Paulo a Santos (nova linha), desenvolveram-se entre os trabalhadores epidemias de malária, geralmente de forma benigna.

O mesmo aconteceu por ocasião da construção de pontes, estradas de rodagem e de ferro, havendo neste caso maior número de formas graves.

Nos últimos anos o impaludismo tomou maior desenvolvimento no litoral, onde houve várias epidemias com formas ora graves ora leves.

Assim, de 1896 em diante, começaram a afluir doentes à Capital de modo que se observou grande número de casos procedentes de Guarujá, Serra de Santos, Porto Ferreira, Rincão, Guatapará, Rio de Janeiro, Paranaguá, Serra Azul e Guariba.

Número muito maior de casos, cerca de quinhentos, foi observado no interior e no litoral deste Estado e no Rio de Janeiro, numa série de viagens feitas, ora com o fim de estudar, ora combinando estas com os interesses da higiene.

Os lugares visitados foram os seguintes: Serra de Santos, Cubatão, rio Butoroca, Salto de Itu, margens dos rios Piracicaba e Tietê, Iguape, Ribeira e Juquiá, Conceição de Itanhaem e Praia Grande, Vila Bela e São Sebastião. Estas viagens foram feitas pelo diretor, sendo aquelas dos rios Piracicaba e Tietê, em companhia do dr. Vital Brazil.

O dr. Carlos Meyer estêve duas vêzes nas margens do Mogi-Guaçu, (Rincão, Guataparã e São Luís), Ribeirão Preto, Itapira, Peruibe e Conceição de Itanhaem.

O diretor e o dr. Carlos Meyer fizeram juntos uma viagem tocando nos seguintes pontos : Ribeirão Preto, Entroncamento, Vassoural, margem do Sapucaí, Batatais.

Fora dêste Estado visitaram zonas palustres nas margens da baía do Rio de Janeiro e na região situada entre Santana de Macacu e Porto das Caixas, no Estado do Rio.

O resultado de tôdas estas observações pode ser resumido assim : observa-se neste Estado o impaludismo tanto na sua forma benigna (terçã simples) como na forma grave (malária tropical, febre estivo-outonal).

Quanto à febre quartã, sua existência neste Estado é duvidosa e mesmo se existe, só será observada excepcionalmente.

Não é rara a cominação das duas formas do impaludismo ; observam-se principalmente os gametos da febre tropical e ao mesmo tempo os plasmódios da forma benigna.

Em zonas palustres os hematozoários podem ser encontrados em doentes de febre amarela ou de febre tifóide, mas êstes casos são de observação rara e não alteram a sintomatologia destas últimas moléstias.

Quanto à existência da febre tífico-malárica, tôdas as nossas observações mostram que os casos denominados assim, eram apenas casos de febre tifóide simples, como também se encontram nos lugares onde nunca houve impaludismo. A infecção sob a forma tropical pode bem produzir uma febre contínua ou remitente, mas esta é sempre de duração muito curta e não pode ser confundida com a febre tifóide desde que a curva termométrica fôr bem registrada.

As zonas onde o impaludismo é endêmico estão situadas no litoral ou no interior do Estado, nas regiões dos grandes rios, onde a temperatura média é mais elevada de modo a permitir a cultura do café ou outras plantas ainda mais exigentes.

Nos terrenos mais altos, situados entre duas regiões, só se observa de um modo esporádico e principalmente em estações muito quentes, revestindo a forma benigna.

Por exemplo, nesta Capital, como resulta de numerosíssimas observações clínicas e exames de sangue, o impaludismo absolutamente não é endêmico : falta completamente no interior da cidade e é raríssimo nos arrabaldes.

Entre os rios do interior, o mais infeccionado pelo impaludismo é o Mogi-Guaçu, onde a moléstia não segue sòmente o curso do rio principal, mas também sobe pelos afluentes e encontra-se, às vêzes, em pântanos de dimensões insignificantes. Isto está em contraste com o que se observa na vizinhança da Capital onde existem várzeas imensas, periódicamente inundadas, sem haver focos de malária.

Além da forma endêmica do impaludismo, observam-se também, verdadeiras epidemias nos mesmos lugares ou também em zonas anteriormente indenes.

O aparecimento de uma epidemia é favorecido por vários fatores :

1.º Condições meteorológicas que favorecem a multiplicação dos mosquitos veiculadores e o desenvolvimento dos hematozoários no organismo dêstes ;

2.º Alterações nas condições topográficas, preparando novos criadouros para as larvas ;

3.º A presença ou introdução de indivíduos infeccionados ;

4.º A existência de aglomeração de indivíduos não imunizados ;

5.º Circunstâncias que facilitam o acesso dos mosquitos aos moradores doentes e sãos.

Assim as epidemias observadas nas margens do rio Sapucaí e na região de Iguape, dependiam principalmente do 1.º fator e em parte também do 2.º (Peruibe).

O mesmo se pode dizer das epidemias observadas no Salto de Itu e Inhaim, nas margens do Tietê, perto da cidade de Itu.

Na epidemia que se manifestou na Serra de Cubatão, na ocasião da construção da nova linha inglêsa (e na outra que se deu quando foi feita a linha velha), também entraram em jôgo os outros fatores : afluência de muitos trabalhadores, em parte já infeccionados, morando no mato cheio de mosquitos, em ranchos abertos ou mal fechados.

Assim, por duas vêzes houve uma epidemia num lugar onde os raros moradores, no intervalo, não sofriam de impaludismo.

Em outras epidemias entre trabalhadores, como a de Rincão e Guataparã, o elemento infeccioso já existia no lugar.

O pessoal do Instituto também teve ocasião de fazer na Capital, três autopsias em cadáveres de doentes vindo de fora, tratando-se duas vezes de acessos perniciosos, uma vez complicado com disenteria e uma terceira vez caquexia palustre bem caracterizada. As peças obtidas foram estudadas em preparações microscópicas.

A coloração dos hematozoários mereceu especial atenção do diretor do Instituto que, auxiliado pelo dr. Carlos Meyer, por muito tempo fez estudos comparativos sobre os melhores processos para colorir tanto os hematozoários como a cromatina destes. Obtiveram alguns resultados bons com o processo original de Romanowsky; mas estes resultados eram incertos e inconstantes por ser um processo completamente empírico. Acusava-se a qualidade das cores empregadas, dos insucessos obtidos, quando na realidade a fórmula era defeituosa. Só depois dos estudos de Ziemann, Nocht e outros, chegou-se a compreender melhor as condições necessárias para obter a tingão perfeita.

Na questão do impaludismo os estudos sobre os mosquitos têm sido de importância enorme, indicando tanto a transmissão da moléstia como o modo de combatê-la.

Sabe-se hoje que os mosquitos transmissores desta moléstia pertencem todos ao antigo gênero *Anopheles*, hoje subdividido em uma dúzia de gêneros novos.

No Brasil são representados os gêneros *Cellia* (2 espécies), *Pyrethophorus* (2 espécies), *Microleptoptera* (1 espécie), *Arribalzagaia* (1 espécie), *Myzomyia* (2 espécies) e *Stegomyia* (1 espécie), sendo o último somente encontrado no norte.

O conhecimento de quatro destas espécies era devido unicamente a exemplares colecionados neste Laboratório e, das outras, cinco foram observadas, três entre nós, já no princípio destes estudos.

Quanto ao papel destas diversas espécies, na propagação do impaludismo, não foi ainda possível determiná-lo com toda a certeza.

Nas matas das serras o transmissor foi certamente o *Myzomyia lutzii*, cujas larvas foram encontradas somente na água das bromeliáceas, sendo por isso independentes de pântanos e terras alagadas.

Estas observações foram as primeiras e até hoje as únicas conhecidas, que deram uma explicação das malárias silvestres, mas é quase certo que há mais espécies de anofelídeos fitífios.

É provável que o *Pyrethophorus lutzii*, encontrado na costa e no interior com bastante abundância, seja um dos transmissores mais importantes; o *Pyrethophorus fajardoi* entre nós é muito raro e por isso sem a importância que pode ter talvez em outros lugares. As outras espécies conhecidas no Brasil, parecem faltar nos focos de malária deste Estado."